

(Algunas notas p/ o Encontro de 6 Junho 2009 a que não poderei ir)

Meus amigos

Considando há mais de dois meses para participar neste Encontro dos antigos alunos dos cursos de matemática da UA, aceitei. É sempre um prazer estar com os meus antigos alunos.

Por motivos imprevistos não me é possível participar neste Encontro onde os reencontros e a festa serão a nota dominante. As minhas desculpas.

Com "Projeções" pensava desenvolver convosco uma pequena conversa (só tinha 50 minutos) sobre três pontos:

- que houve de comum no meu ensino de quase trinta anos na UA, atravessando múltiplas disciplinas (Topologia, Análises diversas, Equações diferenciais, Álgebra, Álgebra Linear, Seminários, etc.) — múltiplas

paisagens da Matemática como poderia dizer Wittgenstein?

- que aprendi com os meus alunos?
- que ensino fazer, que aprendizagem e que aprendizagens promover num tempo do relativo e da incerteza?

Quanto ao primeiro ponto encontrei de comum (mesmo recuando a 1962, quando iniciei a minha actividade docente):

- o modo como sempre encarei os meus alunos: como adultos responsáveis;
- a minha exigência;
- a minha não resignação aos elevados níveis de reprovacão;
- a lealdade e a disponibilidade na relação professor - aluno.

Que fique claro, aprendi muito conversas, cresci e amadureci conversas.

Fui reber muitas das respostas e sugestões que apresentaram naquelles questionários/avaliação que fazia aproximadamente um mês após o início das aulas (quando a tensão já crescia): era um momento de catarse, várias críticas e sugestões relevantes foram tidas em consideração.

E quão gratificante era ver que mais de metade desses questionários tinham assinados (mesmo os mais críticos)!

Segundo Edgar Morin "a explosão dos saberes, a complexidade do real e a incerteza" são características do conhecimento actual. A Escola e a Empresa de hoje são sistemas complexos.

Como agir neste quadro?

Promover um espírito crítico, criativo, inovador e transdisciplinar; cultivar uma

4

pedagogia do esforço e da exigência e  
conciliar esta postura exigente com  
a luta permanente contra a exclusão.  
É um desafio para todos nós.

E deixo-vos com o poeta

"Nada me cai do céu. Nem um poema!  
Tudo me custa um dia de lavoura."

(M. Torga, Diários VI)

Mas hoje é dia de festa e ainda o poeta,  
invocando a Musa:

" - - - - -

Obriga-me a sonhar outra floresta  
De homens em liberdade.

Aves na sua festa.

Que ninguém prende, que ninguém molesta  
Com as fronteiras de nenhuma grade!"

(M. Torga, Exortação, Diários VI)

J. David Vieira  
(6/6/09)